



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à imprensa estrangeira especializada (*Around the Rings, Inside The Games, EFE, AP, Kyodo News, Reuters*), após reunião com representantes do COI

Rio de Janeiro-RJ, 30 de abril de 2009

Jornalista: Eu gostaria de saber como é que o presidente Lula vai usar sua popularidade, sua posição como líder popular, global, para contra-arrestar a popularidade global do Obama, o efeito Obama, em termos de ganhar a sede dos Jogos Olímpicos...

Presidente: Tanto o Obama como eu somos surpresas nos nossos países. Ou seja, nós, na verdade, nos transformamos em fenômenos da natureza, porque não estava previsto um metalúrgico ser Presidente do Brasil e um negro ser Presidente dos Estados Unidos. E cá estamos nós, com um mandato presidencial. Há muita similaridade: ele é democrata e eu sou democrata; acreditamos nas organizações sociais e temos uma visão comum do mundo que queremos criar.

E isso é uma disputa. Uma disputa que não envolve Obama e Lula, que não envolve Obama e Lula.. não é uma disputa entre duas pessoas, é uma disputa entre dois projetos. E eu não vou falar com o Obama no primeiro turno, eu vou falar com ele no segundo, ou falarei no terceiro. Por quê? Porque para os Estados Unidos uma Olimpíada é mais uma, para a Europa uma Olimpíada é mais uma, para nós é a questão da autoafirmação de um continente, de um país e de um povo. Porque nós aqui, na América Latina, vivemos a vida inteira a provar que tínhamos condições de fazer as coisas e, graças a Deus, essa crise veio tirar a máscara de alguns e mostrar a verdade sobre outros. O Brasil, que sempre foi tido como um país frágil, na crise se mostrou o país mais



preparado, com o sistema financeiro mais equilibrado, com as finanças públicas mais estabilizadas. Só para você ter ideia, os Estados Unidos têm mais de 70% do PIB, de dívida pública; o Brasil tem apenas 35%. Uma vantagem que eu penso que o Brasil tem é que não é compromisso do meu governo, é compromisso de todos os entes federados. Sobretudo, é quase uma profissão de fé do povo brasileiro provar que tem competência para fazer uma Olimpíada, e que estaremos tão preparados quanto qualquer outro país do mundo que já realizou uma Olimpíada.

Jornalista: Eu já estive em Chicago, em Tóquio, estarei em Madri na próxima semana. As três cidades têm provavelmente uma infra-estrutura mais desenvolvida: aeroporto, infraestrutura viária, metrô. Em tantos aspectos elas parecem estar mais preparadas, também têm as instalações esportivas. Por que o Rio de Janeiro estaria preparado para competir com essas cidades?

Presidente: Eu conheci Barcelona antes das Olimpíadas de 2002... de 1982. Não foi em 1992? Foi em 1992. E eu vi o que a Olimpíada permitiu acontecer em Barcelona por conta das Olimpíadas. É verdade que todas essas cidades são cidades mais arrumadas, do ponto de vista de infraestrutura do que o Rio de Janeiro. Tem metrô há mais tempo, tem uma infraestrutura melhor. Mas quem é que disse que nós não temos condições de transformar o Rio de Janeiro em condições melhores do que essas cidades?

Veja, muito antes de o Brasil entrar na disputa para as Olimpíadas nós já tínhamos decidido, com o Programa de Aceleração do Crescimento, fazer investimentos de US\$ 304 bilhões em infraestrutura. Ou seja, assumimos o compromisso de realizar a Copa do Mundo aqui, em 2014. Assim que a Fifa aprovar as 12 cidades, na mesma semana o governo federal vai reunir os governos estaduais, os prefeitos das capitais onde [que] serão sedes da Copa do Mundo e iremos aprovar uma proposta de mobilidade urbana para preparar



o Brasil para a Copa de 2014. Quando chegar 2014 faltará pouco para que a gente possa concretizar o projeto olímpico brasileiro. Mas faltará pouco mesmo.

E eu estou convencido de que é uma proposta tão gigantesca, que nós queremos provar ao mundo que o Brasil está tão ou mais preparado que qualquer outra cidade para realizar essas Olimpíadas. Por isso nós assumimos esse compromisso, compromisso do governo federal, do governo estadual, do governo municipal, compromisso com empresários brasileiros, compromisso com trabalhadores. Ou seja, não é um projeto pessoal, ou um projeto apenas esportivo. Para nós é um projeto de nação.

Jornalista: O senhor encontrou a Comissão de Avaliação do COI e explicou o compromisso do Governo para os Jogos Olímpicos. Mas, como vai terminar o seu mandato como Presidente em 2010, como é que o senhor poderá garantir a continuidade do apoio governamental? O senhor falou alguma coisa a respeito disso para o Comitê? Alguma indicação do seu sucessor? Como é que vai ser a garantia disso?

Presidente: Bom, essa pergunta vale para mim e vale para os meus concorrentes. Ninguém garante que o Obama será Presidente dos Estados Unidos em 2016, ninguém garante que o Zapatero será primeiro-ministro em 2016, e ninguém garante que o Taro Aso seja primeiro-ministro. Se a gente for analisar as condições políticas atuais, eu tenho mais chance de fazer a minha sucessão do que outros governantes.

Entretanto, nós vamos mais do que isso. Em 2007, eu criei o Programa de Aceleração do Crescimento até 2010. Eu vou deixar aprovado, em 2010, um outro Programa de Aceleração do Crescimento, até 2014. E eu tenho certeza absoluta que o Congresso Nacional brasileiro, que os empresários brasileiros, que os governadores brasileiros, que os prefeitos brasileiros, qualquer um que



chegar ao poder e estiver governando em 2016 terá a mesma vontade que eu tenho de realizar as Olimpíadas.

Os contratos que eu assinei não foram contratos pessoais, foram contratos assinados pelo Chefe do Estado brasileiro, que vale para mim e vale para os outros. Quando o governo anterior contraiu uma dívida com o FMI, eu era contra. Eu passei 20 anos sendo contra o FMI. Entretanto, coube a mim pagar o FMI, e hoje eu sou credor do FMI.

Os Jogos Pan-americanos foram firmados pelo governo anterior a mim, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, e eu cumpri o acordo que ele fez. O que eu acho que nós precisamos fazer agora? Eu vou dizer uma coisa para vocês: nós cometemos um erro nos Jogos Pan-Americanos. É que eu tentei várias vezes fazer um contrato junto com os membros do Comitê Olímpico dos Jogos Pan-Americanos para determinar a responsabilidade do Prefeito, a do governo estadual e a do governo federal. Nos Jogos Pan-Americanos – o Governador está aqui – nós tínhamos previsão de investir quanto, Orlando?

Ministro: 400 milhões.

Presidente: E investimos quanto?

Ministro: R\$ 1 milhão [R\$ 2 bilhões].

Presidente: Então, veja, o compromisso inicial para o governo federal nos Jogos Pan-Americanos era de aproximadamente R\$ 400 milhões...

_____ : Dólares ou reais?

Presidente: ...de dólares. E nós investimos R\$ 2 bilhões, ou seja, R\$ 1,6 bilhão a mais do que o compromisso inicial. Sabe por quê? Porque o que estará em



jogo no fracasso de um compromisso não é a figura pessoal do Presidente, do Governador ou do Prefeito. É da nação, do estado e da cidade. Por isso, nós assinamos o compromisso, e eu tenho certeza de que quem vier depois de mim cumprirá cada letra que nós fizemos e, se for necessário, firmará outros compromissos.

Jornalista: Madri conta com o apoio de outros países latino-americanos. O senhor acredita que essa competição, com outras candidaturas tentando roubar votos do Brasil, pode prejudicar o Rio?

Presidente: Eu não acredito nessa coisa de roubar voto da América do Sul, porque eu estou tentando conquistar voto europeu, de países vizinhos da Espanha. Agora, qual é o problema? É que eu estou já trabalhando a idéia do segundo turno e a idéia do terceiro turno, porque essa é uma eleição muito boa. O que nós precisamos é passar a primeira fase. O Brasil, passando a primeira fase, a chance de o Brasil ganhar é muito grande.

Eu levo a vantagem de ser o Presidente democrático mais antigo, atualmente e, portanto, tenho uma relação de amizade maior. E eu tenho a certeza de que nós teremos o apoio de muita gente.

Vamos pegar um caso: se os Estados Unidos, se Chicago não entrar, por que os Estados Unidos não votariam no Brasil? Se a Espanha não entrar, por que a Espanha não votaria no Brasil? Afinal de contas, a cada dois anos eu me reúno com a Espanha na Ibero-americana. Como é que o Rei, no segundo voto, iria negar o voto ao Brasil, se não tem mais nenhum país-irmão como nós disputando as Olimpíadas?

Veja, o Japão. A nossa relação com o Japão é uma relação histórica. Os japoneses chegaram ao Brasil em 1908, ajudaram a construir esta nação. Hoje nós temos, aproximadamente, 400 mil dekasseguis brasileiros. Agora, se o Japão não passar a primeira fase, qual a dificuldade de votar no Brasil? É a



maior colônia japonesa fora do Japão! Vão fazer um manifesto, os japoneses que moram no Brasil, pedindo. Vão pedir para os empresários espanhóis reivindicarem o segundo voto. Então, eu acho que vai ser uma disputa boa.

Jornalista: Obrigado.

(\$31DGJMP)